

**O GÊNERO REPORTAGEM E SEU FUNCIONAMENTO
SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVO E ENUNCIATIVO:
A POLIFONIA DE LOCUTORES**

**THE JOURNALISTIC REPORT GENRE AND ITS SEMANTIC-
ARGUMENTATIVE AND ENUNCIATIVE OPERATION:
THE POLYPHONY OF SPEAKERS**

HUGO FERNANDO DA SILVA NASCIMENTO
Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Brasil)
hugofernando471@gmail.com

Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação que tem como objetivos descrever e analisar o funcionamento das principais estruturas e fenômenos semântico-argumentativos presentes no gênero discursivo reportagem jornalística. Nossa pesquisa está vinculada à área linguística da Semântica Argumentativa e dos Estudos sobre Gêneros Discursivos e utiliza os pressupostos teóricos de diferentes estudiosos, entre os quais Bakhtin (2002), Ducrot (1988) e Nascimento (2005). A investigação realizada é de natureza descritiva e interpretativista, dados os objetivos propostos de descrever e analisar os dados obtidos nos textos jornalísticos coletados. Para o *corpus* da investigação, coletamos 10 reportagens em duas revistas de grande circulação no Brasil que veiculam fatos políticos ocorridos (*Veja e Istoé*). Os resultados da pesquisa permitem-nos demonstrar que o locutor-repórter introduz, frequentemente, em seu texto, diversas vozes de diferentes sujeitos discursivos mediante uso de estratégias linguísticas bem específicas. De modo que, ao utilizar o dizer do outro, o repórter assume determinados posicionamentos enunciativos sobre o fato reportado, orientando o leitor da reportagem a certas conclusões.

Palavras-chave: Argumentação, polifonia, gênero reportagem

This paper shows the results of an investigation which has as objectives to describe and analyze the operation of the main structures and semantic-argumentative phenomena present on the discursive genre of journalistic report. Our research relates to the linguistic field of Argumentative Semantics and with the Studies of Discursive Genres and it uses the theoretical fundamentals of different scholars, like Bakhtin (2002), Ducrot (1988) and Nascimento (2005). The nature of this investigation is descriptive and interpretative, since its objectives. On account to collect *corpus*, we gathered 10 politic reports from two great

national distributed magazines which publish political facts in Brazil (Veja and Istoé). The results of this research allow us to demonstrate that the reporter-speaker often introduces in his text many voices from different discursive subjects, by means of very specific linguistic strategies. So, as the reporter make usage of the sayings of others, he himself takes some enunciative judgements about the reported fact, in order to guide the reader of the report to some conclusions.

Keywords: Argumentation, Polyphony, Report Genre.

Recibido: 15 enero 2020

Aceptado: 27 febrero 2020

1. INTRODUÇÃO

A reportagem faz parte do domínio discursivo jornalístico, o qual se caracteriza essencialmente pela sua funcionalidade de transmissão de informações. Melo (2003) explica que os gêneros jornalísticos foram historicamente divididos em dois grandes grupos, de um lado, teríamos o jornalismo informativo (*news*, em inglês) voltado a simples transmissão de fatos e, de outro, o jornalismo opinativo (*comments*, em inglês) voltado à análise e à interpretação de fatos. A reportagem, conforme o autor classifica, estaria enquadrada no primeiro grupo, pois sua função primária seria transmitir acontecimentos que repercutiram na coletividade social com um grau de aprofundamento maior do que a notícia, por exemplo.

Cabe aqui uma breve crítica ao pretensão aspecto objetivo do gênero reportagem. Em manuais de redação jornalísticos, a reportagem é, por vezes, apresentada como um gênero informativo e objetivo, em que se privilegia o uso do “discurso impessoal” como uma tentativa de criar uma noção de objetividade a partir do uso da terceira pessoa e de outras estratégias linguísticas. Adotamos, neste trabalho, a perspectiva de Ducrot (1988) que nega a pretensão objetividade da língua:

No creo que el lenguaje ordinario posea una parte objetiva ni tampoco creo que los enunciados del lenguaje den acceso directo a la realidad; en todo caso no la describen directamente.

(Ducrot, 1988: 50)

Para Ducrot, a língua não é um meio essencialmente descritivo das informações do mundo físico, mas um instrumento argumentativo eficaz, que possibilita aos seus usuários a capacidade de construir e de dotar seus discursos com forças argumentativas, em ordem a envolver outros sujeitos em seus jogos de linguagem.

A língua é argumentativa por natureza e nela existem elementos e mecanismos que materializam a argumentação nos enunciados e discursos (Koch 2010), por exemplo, existem os operadores argumentativos, elementos linguísticos que estabelecem relações de sentido entre os enunciados e atribuem a estes determinada força argumentativa. Além dos operadores, existem estratégias e fenômenos semântico-enunciativos que materializam a argumentação na língua, dentre eles, podemos citar o fenômeno da polifonia de locutores, que consiste, de forma muito

simplista, na introdução de vozes alheias no discurso de um determinado locutor, e o fenômeno da Modalização Discursiva, que consiste, de modo resumido, no modo como o locutor subjetivamente deixa sinalizado o seu discurso, a fim de que o interlocutor possa lê-lo e interpretá-lo de determinada maneira.

Acerca desses fenômenos semântico-enunciativos, nos detivemos neste trabalho, objetivando demonstrar como a polifonia em suas diferentes manifestações (discurso introduzido em Estilo Direto, Estilo Indireto, Estilo indireto sendo corroborado por estilo direto e Aspas de Diferenciação) está presente no gênero reportagem jornalística e atua, por vezes, em conjunto com o fenômeno da Modalização Discursiva. A análise das reportagens políticas das revistas brasileiras *Veja* e *Istoé* demonstrou-nos que a ideia de objetividade no gênero reportagem jornalística é uma construção discursiva, haja vista que, apesar de o locutor-repórter responsável pelo texto, em alguns momentos, pretender apresentar-se como neutro, ou de um local de fala distante em relação ao conteúdo informacional do enunciado, a minuciosa análise semântica dos elementos, estratégias e fenômenos linguístico-argumentativos presentes nos excertos textuais das reportagens de nosso *corpus* comprovou a existência de julgamentos valorativos, de engajamento e de manifestação de subjetividade por parte sujeito falante, bem como identificou o modo pelo qual o locutor-repórter deixa sinalizado como o interlocutor (o leitor da reportagem) deve compreender e interpretar determinado enunciado.

2. A ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Argumentar é natural ao homem. Silva (2012) diz que em nossas interações com outros sujeitos, estamos a todo momento argumentando, fazemos isso quer seja por perguntar, justificar, aceitar ou refutar algo. O diálogo é o espaço próprio da argumentação e a língua é o meio que usamos para dar direcionamento ao nosso discurso.

A noção de argumentação não é nova, remonta à Grécia Antiga, dos estudos retóricos clássicos. No Período Grego Clássico, a linguagem era estudada pela retórica, área do conhecimento que tinha por objetivo ajudar as pessoas, como diz Espíndola (2004: 12), a "dominar as regras de uma boa argumentação" e ensinar-lhes como se comunicar de um modo eficiente e elegante.

Contraopondo-se à perspectiva de argumentação clássica, por considerar que a língua desempenha um papel muito reduzido nos estudos da retórica, Ducrot (1988) afirma que a língua é o elemento central para a argumentação e cria uma teoria postulando que a argumentação ocorre em vários níveis da língua. A Teoria da Argumentação na Língua (TAL) é uma teoria linguística da Semântica da Argumentação ou Semântica Enunciativa, segundo a qual os sujeitos discursivos buscam se utilizar da linguagem para envolver outros sujeitos nos seus jogos de linguagem.

A Teoria da Argumentação na Língua analisa enunciados a partir de seu contexto de uso, negando a concepção de que a língua é uma estrutura de sentido autônoma. Ducrot (1988) afirma que o objetivo da TAL é opor-se à concepção tradicional de sentido, que geralmente divide o sentido do enunciado em três categorias uma objetiva, outra subjetiva e outra intersubjetiva, sendo que

as indicações objetivas consistem na representação da realidade, as subjetivas indicam a atitude do locutor frente à realidade e as intersubjetivas dizem respeito às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

(Nascimento, 2005: 12).

Ducrot (1988) considera que a argumentação não está nos fatos, mas na própria língua, ele chega a essa conclusão após a observação e análise de alguns pares de frases na língua que, apesar de se referirem ao mesmo fato, podem levar a conclusões diferentes e até contrárias. Para o autor, frases tidas como descritivas e objetivas como, por exemplo, "Pedro é inteligente" revelam subjacentemente certa admiração a Pedro por parte do locutor, o que, por sua vez, pode levar o interlocutor a assumir determinadas ações e atitudes em relação a Pedro (o que caracteriza a intersubjetividade). Portanto, até mesmo em frases aparentemente objetivas, encontramos aspectos subjetivos e intersubjetivos. Por esse motivo, o autor junta os aspectos subjetivos e intersubjetivos e denomina-os de valor argumentativo dos enunciados.

Na perspectiva da Teoria da Argumentação da Língua (TAL), Ducrot entende o processo de argumentação como uma determinada orientação dada pelo locutor no discurso:

el empleo de una palabra hace posible o imposible una cierta continuación del discurso [e o valor argumentativo de uma] palabra es el conjunto de esas posibilidades o imposibilidades de continuación discursiva que su empleo determina

(Ducrot, 1988: 51)

Para fins desta investigação, utilizar-nos-emos instrumentalmente das definições de argumentação/argumentatividade presentes em Ducrot (1988).

Atualmente sabe-se que vários fenômenos podem materializar a noção de argumentação na língua. Falaremos a seguir sobre dois deles, começando pela Polifonia de locutores, em seguida a Modalização Discursiva.

2.1. Polifonia

O termo polifonia formado pela junção das palavras *poli* (muito) e *fone* (som, vozes) significa etimologicamente muitas vozes ou várias vozes. Esse termo teve origem no âmbito dos estudos musicais, sendo originalmente utilizado para designar sobreposição de vozes em composições musicais. O termo passa, posteriormente, para a Linguística através dos estudos do linguista francês Oswald Ducrot (1988) sobre a multiplicidade do sujeito discursivo. Nascimento diz que Ducrot objetivou

provar que um enunciado [...] pode ser perpassado por mais de uma voz

e que

o autor do enunciado não se expressa nunca diretamente, mas põe em cena, no mesmo enunciado, um certo número de personagens linguísticos

(Nascimento, 2009: 20-21)

Ducrot (1988) se opõe, assim, a concepção tradicional de que o sujeito é uno e de que há, nos enunciados, apenas uma pessoa que fala. Para provar isso, o linguista analisa exemplos de enunciados em que o sujeito falante traz no seu discurso a voz de outro sujeito; observe, a seguir, um exemplo de análise de polifonia de locutores, de autoria própria.

Exemplo 01 (Nossa autoria)

Ontem na aula, eu ouvi quando a professora disse: "estudem, pois amanhã teremos prova".

No exemplo 01, há polifonia, porque o sujeito falante (L1 – locutor 01), ao relatar uma experiência vivenciada "ontem na aula, eu ouvi quando a professora disse: ‘estudem, pois amanhã teremos prova’”, traz, para dentro do seu enunciado, a voz de outro sujeito: "estudem, pois amanhã teremos prova", a professora. Desse modo, é possível observar que ocorre a presença, em um mesmo enunciado, de falas atribuíveis a diferentes sujeitos discursivos (L1 e L2); quando isso ocorre, dizemos que houve polifonia de locutores, pois existe o cruzamento das vozes de distintos sujeitos.

2.1.1. O Discurso relatado em Estilo Direto e Indireto

O discurso relatado é uma das principais estratégias argumentativas ativadoras de Polifonia de locutores. Ele implica a evocação do discurso de um segundo locutor, podendo essa evocação ocorrer de duas maneiras: direta ou Indiretamente. Quando relatado diretamente, o discurso de outrem é retomado *ipsi literalis*, isto é, na materialidade textual dos dizeres originais; isso pode ocorrer quer por meio das aspas duplas, quer de verbos *dicendi*, dois pontos, travessão ou de outros recursos linguísticos (um exemplo prático de discurso direto introduzido por um recurso linguístico é o que consta no exemplo 01)

Por sua vez, o discurso relatado em estilo indireto implica paráfrase e reformulação de um discurso para que possa ser acomodado em uma nova situação textual, como informa Nascimento (2015). A diferença entre ambos os estilos já foi definida outrora através dos objetivos comunicativos a que cada um se preza: o estilo direto teria primordialmente a função de dar a conhecer a forma, enquanto que o indireto priorizaria o conteúdo informacional da declaração original.

Para Bakhtin, a diferença entre os dois tipos de discurso consistiria, como diz Nascimento (2009), no grau de orientação analítica presente no discurso indireto. Bakhtin (2002: 159) diz que, na “[...]transposição literal, palavra por palavra, da enunciação[...]”, isto é, no estilo direto, as possibilidades de análise do discurso do outro são restringidas, por outro lado “a análise é a alma do discurso indireto” (Bakhtin, 2002: 159), uma vez que, ao parafrasear o discurso de outrem, integro ou deixo de lado certos elementos da forma ou da informação original, o que caracteriza uma ação de análise e reformulação da fala alheia.

Como demonstrado no exemplo 01, para Ducrot (1988) o estilo direto se constitui como um caso de cruzamento de vozes, ou de Polifonia de Locutores. No entanto, ele não chega a considerar o discurso relatado em estilo indireto como um tipo particular de polifonia. Nascimento (2015), porém, opondo-se a Ducrot, constatou que é possível identificar o fenômeno da polifonia de locutores também no estilo indireto. O autor justifica sua posição através do fato de que, no discurso indireto, o sujeito responsável pelo enunciado como um todo

também atribui a responsabilidade do dito a um outro locutor, que está explicitamente identificado no enunciado; como no exemplo a seguir retirado de Nascimento (2015).

Exemplo 02 (Retirado de Nascimento 2015)

Carlos me disse que viria amanhã.

No exemplo 02, um locutor 01, responsável pela globalidade por todo enunciado, relata indiretamente o discurso de um L2 (Carlos), a saber, viria amanhã. É perceptível que parte do discurso de L1 é de responsabilidade de outro sujeito e, mesmo não utilizando elementos linguísticos gráficos para sinalizar a presença de um discurso alheio ou se apagando as marcas dêiticas de primeira pessoa, é possível identificar dois locutores distintos. De modo que nesse tipo de discurso também é possível observar, como afirma Nascimento (2015: 346), “uma espécie de eco imitativo ou um teatro no interior do enunciado”, fatores específicos que caracterizam a polifonia de locutores, semelhante ao que ocorre no estilo direto.

Além disso, tanto no estilo direto como no indireto é possível observar a existência da relação hierárquica entre as falas dos locutores, haja vista que há também um locutor responsável por todo enunciado trazendo um segundo discurso, que se subordina ao discurso do primeiro locutor.

Em alguns casos, conforme veremos a seguir, o discurso em estilo direto pode interagir de um modo específico com o estilo indireto e criar um tipo particular de polifonia.

2.1.2. Estilo indireto sendo corroborado pelo Estilo direto

Sabemos que o locutor-repórter pode relatar o dizer de um locutor alheio por, pelo menos, duas vias: a recuperação integral da fala (estilo direto) ou por paráfrase da fala (estilo indireto). Algumas vezes, porém, ele pode combinar essas duas estratégias polifônicas para gerar uma terceira, aquilo que Nascimento (2009) chama de estilo indireto sendo corroborado por estilo direto.

Nesse tipo de construção argumentativa, o estilo indireto vem sucedido pelo estilo direto e tem como finalidade comprovar ou corroborar o que fora dito antes no enunciado pelo sujeito discursivo. Na opinião de Moyano (2007), o estilo direto está associado à impressão de “neutralidade” e possivelmente de credibilidade, uma vez que tal estratégia textual permite ao leitor consultar as palavras originais do discurso fonte. Por sua vez, no estilo indireto as palavras sofrem reformulações lexicais e de outras ordens linguísticas, sendo característico a fusão e a combinação sintática entre as vozes presentes nos enunciados, conforme Nascimento (2015). Deste modo, o uso do estilo indireto sendo corroborado por estilo direto funciona eminentemente como um mecanismo polifônico que dota de credibilidade a informação dita antes em forma de paráfrase.

2.1.3. Aspas de diferenciação

Como citado anteriormente, as aspas são um dos recursos linguísticos que os sujeitos enunciativos têm a sua disposição para introduzir discursos alheios, o que, por consequência,

funciona como ativador da polifonia de locutores. Apesar de aparentar ter um uso simplista de mera introdução do dizer do outro, as aspas podem exercer diferentes efeitos de acordo com o contexto e intenções do falante. Vários estudiosos averiguaram que seu uso, em enunciados linguísticos, pode estar associado a diferentes sentidos, um dos quais envolve um posicionamento de afastamento e negação de um ponto de vista apresentado, ou a indicação de que aquele discurso é estranho, alheio, ao sujeito responsável pelo enunciado.

De modo geral, colocar entre aspas uma palavra permite, mesmo que se faça uso da palavra em um discurso, mostrá-la, ao mesmo tempo, como um objeto que, tido à distância, é designado como impróprio de certa maneira ao discurso em que se figura: familiar, estrangeiro, contestado, etc.

(Authier-Revuz, 1998: 118)

Assumindo a mesma posição de Authier-Revuz de que o uso das aspas pode implicar a evocação de discursos com os quais não nos identificamos, Koch (2001) menciona que uma das funções das aspas incluiria a diferenciação discursiva, ou seja, envolveria tanto a demarcação textual por meio de um elemento gráfico do que é alheio a determinado discurso, quanto a um posicionamento enunciativo de afastamento, isto é, de que “somos ‘irreduzíveis’ às palavras apresentadas” (Koch, 2001: 53).

Apresentadas algumas das principais estratégias argumentativas ativadoras da polifonia de locutores, discorreremos sobre outro fenômeno semântico que, não raro, se combina a polifonia.

2.2. Modalização Discursiva

A modalização consiste em um fenômeno linguístico-discursivo que, por um lado, revela a expressão da subjetividade do indivíduo que fala (locutor) e, por outro, indica o *modo* como o enunciado deve ser lido e compreendido pelo indivíduo que ouve (interlocutor), caracterizando, também, o processo de intersubjetividade, como dizem Nascimento e Silva (2012).

O fenômeno da modalização materializa-se por meio de elementos linguísticos denominados modalizadores, os quais “materializam, explicitamente, a modalização”, sendo sua classificação realizada de acordo “com o tipo de modalização que expressam, nos enunciados e discursos em que aparecem” (Nascimento y Silva, 2012: 80).

Nascimento e Silva (2012) trazem uma classificação dos diferentes tipos de modalizadores, de acordo com as noções e valores que esses modalizadores exprimem, quer sejam avaliações sobre o valor de verdade ou certeza de um enunciado, quer sobre a noção de obrigatoriedade, de avaliação axiológica ou de delimitação do conteúdo de um enunciado. A classificação apresentada a seguir é uma ampliação feita pelos autores Nascimento e Silva (2012), a partir dos autores Castilho e Castilho (1993) e Cervoni (1989). Nascimento e Silva (2012) agrupam os modalizadores em modalizadores epistêmicos, deônticos, avaliativos, entre outros.

2.2.1. Modalização epistêmica

Os modalizadores epistêmicos são aqueles que revelam uma avaliação sobre o valor de verdade ou certeza do conteúdo do enunciado, feita pelo locutor, e são divididos, entre outros, em epistêmicos asseverativos e quase asseverativos.

A *modalização epistêmica asseverativa* ocorre quando o locutor discursivo atribui um valor de certeza ao conteúdo do enunciado e, conseqüentemente, assume certa responsabilidade pelo que é dito; como ocorre no exemplo a seguir.

Exemplo 03 (Nossa autoria)

Certamente seremos aprovados.

No exemplo 03, o falante utiliza-se do advérbio modalizador certamente para valorar a proposição apresentada em termos de veracidade ou certeza. Ao dizer "Certamente seremos aprovados", o locutor assevera o conteúdo do enunciado (É certo que seremos aprovados) e, também, se compromete com a informação transmitida ao seu interlocutor, pois está apresentando-a como uma verdade ou certeza, de modo a ganhar a confiança daquele que lê/ouve a essa proposição (estou falando a verdade e você pode confiar em mim).

A *modalização epistêmica quase-asseverativa* ocorre quando o falante considera como quase certo o conteúdo do enunciado e, por isso não se responsabiliza pelo que é dito.

Exemplo 04 (Nossa autoria)

Talvez o pagamento seja feito hoje

No exemplo 04, o locutor faz uso do modalizador talvez para expressar sua incerteza sobre a veracidade do conteúdo do enunciado, apresentado-o como uma hipótese ou possibilidade e, portanto não se responsabiliza pela eventual não ocorrência dessa informação.

2.2.2. Modalização avaliativa

Semelhantemente à modalização epistêmica, na *modalização avaliativa*, atribuem-se aspectos de apreciação ou valoração ao conteúdo de determinado enunciado, mas, à dessemelhança daquela, essa valoração não incide sobre o caráter de certeza ou incerteza do enunciado. De acordo com Nascimento e Silva (2012), a modalização avaliativa é aquela através da qual o sujeito falante expressa um juízo de valor a respeito do conteúdo do enunciado, excetuando-se qualquer avaliação do tipo deontica ou epistêmica. Essa modalização avaliativa ocorre no discurso, principalmente, através do uso de alguns adjetivos e advérbios que expressam juízo de valor, como por exemplo, bem, mal, útil, nocivo, agradável, infelizmente, felizmente etc.

Exemplo 05 (Nossa autoria)

Infelizmente vou ter que te reprovar.

No exemplo 05, o modalizador *infelizmente* exprime a materialização de um juízo de valor/opinião do locutor: "Infelizmente vou ter que te reprovar". Na modalização avaliativa, fica-se evidenciado como elementos da língua podem expressar a subjetividade do sujeito falante, revelando posicionamentos que o locutor tem sobre o conteúdo do enunciado. Além do uso de advérbios e adjetivos, a modalização avaliativa pode ser expressa através de alguns verbos que possuem subjacentemente um conteúdo semântico que indica certa apreciação (inter)subjetiva a favor (ou contra) algo ou alguém, por exemplo, em "Pedro confessou que tinha medo de altura" e "Pedro se queixou de seu patrão", os verbos confessar e queixar-se funcionam como verbos modalizadores em tais enunciados, pois modalizam os enunciados, indicando como esses devem ser entendidos, isto é, como uma confissão, no primeiro caso e como uma queixa, no segundo.

2.2.3. Modalização Deôntica

A modalização deôntica está relacionada à noção de obrigação, orientação ou norma. Nascimento e Silva (2012), partindo dos eixos identificados por Cervoni (1989), apresentam uma tipologia da modalização deôntica, dividindo-a em:

Deôntica de obrigatoriedade, que ocorre quando o conteúdo do enunciado é expresso como uma algo obrigatório, ao qual o interlocutor deve obedecer.

Exemplo 06 (Nossa autoria)

É obrigatório o uso de cinto de segurança.

No exemplo 06, o falante expressa como obrigatória a observância do conteúdo de sua proposição: "É obrigatório o uso do cinto de segurança". Nesse exemplo, não se trata de uma sugestão, mas uma exigência que é imposta ao sujeito (interlocutor) que escuta ou lê o enunciado.

Há, também, a modalização *deôntica de proibição*, que ocorre quando o conteúdo do enunciado é expresso como sendo algo proibido.

Exemplo 07 (Nossa autoria)

É proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos.

No exemplo acima, observemos que, no conteúdo do enunciado, foi imposta uma restrição a um possível interlocutor: "É proibida a venda de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos". Nesse sentido, expressa-se que é proibido ao ouvinte realizar determinada ação.

Na modalização *deôntica de possibilidade*, o conteúdo do enunciado é expresso como sendo algo facultativo e que o interlocutor tem a permissão de executar.

Exemplo 08 (Nossa autoria)

Pode entrar. Seja bem-vindo!

No exemplo 08, observamos que o conteúdo do enunciado não se constitui como uma ordem, mas como uma permissão que é concedida a um interlocutor: "Pode entrar. Seja bem vindo!". Segundo Nascimento e Silva (2012), nesse tipo de modalidade o locutor dá permissão para que o conteúdo do enunciado ocorra, no entanto, isso não garante que ele ocorra de fato, fica por conta do interlocutor, logo, a proposição é uma possibilidade em razão de uma permissão concedida.

Na modalização *deôntica volitiva* haverá a existência de um modalizador ou expressão modalizadora demonstrando um desejo ou uma vontade do falante, como exemplificado a seguir.

Exemplo 09 (Nossa autoria)

Eu gostaria que você fosse franco comigo

No exemplo 09, o locutor materializa, de maneira modalizada, sua vontade através da estrutura *eu gostaria que*. A respeito dessa estratégia argumentativa, Nascimento e Silva (2012: 86) dizem que "além de deixar materializada, no enunciado a vontade do falante, a modalização deôntica volitiva pode funcionar como estratégia argumentativo-pragmática através da qual um locutor pode pedir ou solicitar a seu interlocutor que realize algo que deseja".

Apresentados e caracterizados teoricamente os principais fenômenos e estratégias linguísticas com os quais trabalharemos, passaremos, pois, à descrição dos procedimentos metodológicos adotados para a formulação e desenvolvimento deste estudo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação científica é do tipo pesquisa documental, porquanto analisa material escrito já publicado em jornais ou revistas, conforme a classificação Prodanov e Freitas (2013). Nossa pesquisa também é de natureza descritiva, uma vez descreve o funcionamento semântico-argumentativo e enunciativo do fenômeno da polifonia de locutores, em suas diversas modalidades, no gênero reportagem jornalística. Além disso, a investigação assume caráter interpretativo, visto que analisa os dados à luz dos estudos sobre Argumentação e Polifonia, de Ducrot (1988) e dos estudos sobre a modalização discursiva especialmente, a partir de Nascimento e Silva (2012).

O *corpus* de nossa investigação foi composto de 10 reportagens de temática política, publicadas no ano de 2017, em duas revistas de grande circulação nacional: *Veja* e *Istoé*, sendo cinco (05) reportagens de cada revista¹. O acesso ao conteúdo das reportagens e das revistas foi realizado através da internet. Após coletarmos um total de cerca de 50 reportagens, passamos a

¹ Dentre as reportagens do referido *corpus*, aquelas citadas aqui foram: *Os extremos que se espantam*, de autoria de Ana Clara Costa e Robson Bonin; *Começou (cedo) a enganação eleitoral* de autoria de Octavio Costa; *Qual o futuro de Aécio?* de autoria de Octávio Costa e Tábata Viapiana; *Condenado* de autoria de Policarpo Júnior; Rodrigo Rangel, Daniel Pereira, Robson Bonin e Thiago Bronzatto; *A marolinha virou um tsunami* de autoria de Sérgio Pardollas e Germano Oliveira; *Hora do acordão* de autoria de Daniel Pereira; Laryssa Borges e Marcela Matos; *Intrigas e suspeitas* de autoria de Rodrigo Rangel e Laryssa Borges.

selecionar, dentre esse número, dez reportagens que formariam nosso *corpus*. Para a seleção, levou-se em conta a presença da mesma temática em reportagens de ambas revistas, a abordagem de diferentes temas dentro da temática maior (fatos políticos) e a preferência de reportagens assinadas por diferentes repórteres, para que pudéssemos ter uma visão geral sobre aspectos do gênero e, não unicamente da estilística dos repórteres.

Antes do processo de análise, catalogamos, no *corpus* de reportagens, todos os casos de polifonia de locutores, separamo-los por estratégia semântica argumentativa ativadora de polifonia. Além disso, pensamos em um sistema gráfico de cores para evidenciar os diferentes tipos de polifonia de locutores encontradas, a cor vermelha representa o relato introduzido por estilo direto, a azul representa o relato em estilo indireto e a laranja, casos de aspas de diferenciação. Outrossim, em sublinhado encontram-se os verbos introdutores de dizer alheio, ou verbos *dicendi*, que não são modalizadores, já os verbos *dicendi* que ativam modalização foram marcados em itálico. Nas análises, buscamos trazer uma breve contextualização do momento de publicação do texto e dos fatos aos quais ele remetia, bem como intentamos demonstrar como o locutor-repórter fez uso do dizer do outro para poder estruturar a redação da reportagem e criar diferentes efeitos de sentido. Passemos, então as análises, as quais estão divididas em seções baseadas no tipo de estratégia semântica ativadora de polifonia.

4. ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVO DO GÊNERO REPORTAGEM

4.1. Estilo Direto

Nos textos jornalísticos que analisamos, percebemos que o locutor 01, o sujeito que se apresenta como responsável pelo texto da reportagem, retomou, em certos casos, as vozes de outros locutores discursivos em sua materialidade textual. Para facilitar a compreensão, marcamos tais falas relatadas em estilo direto com a cor vermelha.

O excerto 01, retirado de uma reportagem da revista *Istoé* que discorria sobre a corrida presidencial brasileira de 2018, mais especificamente, sobre o então candidato à presidência Jair Bolsonaro, apresenta um caso de discurso relatado em estilo direto introduzido por verbo *dicendi* não modalizador, marcado em sublinhado.

Excerto 01:

Se negou fogo na terceirização por temer a perda de votos, Bolsonaro também tem recuado em seu tradicional combate aos direitos da comunidade LGBT. Em evento político recente, ele chegou a dizer que sua “**briga nunca foi contra o homossexual**”. O problema é que, ao longo de sete mandatos na Câmara, ele coleciona frases violentíssimas contra os gays. Eis exemplos: “**Se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater**”, em 2002 “**Filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro, e já muda**”, em 2010 e “**Ninguém gosta de homossexual, apenas suporta**”, em 2011.

No excerto 01, o locutor-repórter (L1) recupera, em estilo direto, um trecho de fala do segundo locutor (L2), Bolsonaro: a “**briga nunca foi contra o homossexual**”. Observa-se que, no

excerto em questão, o locutor-repórter opta por uma construção textual argumentativa que tenciona apresentar possíveis contradições no discurso do candidato Jair Bolsonaro. Prova disso é que, após apresentar a fala de L2, a qual aponta para uma não oposição ao público LGBT, L1 muda a orientação argumentativa do texto jornalístico, a fim de demonstrar que Bolsonaro tem sim ódio ao homossexual. Na redação da reportagem, isso fica evidenciado quando o locutor-repórter pontua: o problema é que, ao longo de sete mandatos na Câmara, ele coleciona frases violentíssimas contra os gays e, logo em seguida, elenca exemplos de tais frases: “Se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”, em 2002 “Filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro, e já muda” e “Ninguém gosta de homossexual, apenas suporta”.

Percebe-se que os relatos de fala de Bolsonaro são introduzidas no texto jornalístico através do uso da palavra *eis*, do sinal gráfico dos dois pontos e das aspas duplas. Além disso, como uma forma de demonstrar exatidão e garantia de que possui informações verificáveis, L1 não só elenca, como também data as falas de L2 com os respectivos anos em que foram proferidos pelo presidente. De modo geral, poderíamos dizer que o efeito de sentido que L1 pretende transmitir, longe de ser uma assimilação da voz do outro, é de trazer a voz de L2 para demonstrar que o discurso do político é falacioso e se contradiz.

Semelhantemente ao excerto de reportagem anterior, no excerto a seguir, o locutor-repórter recupera a voz de um outro locutor discursivo, mas, desta vez, introduz-la em seu discurso pelo uso de um verbo ou termo que expressa um posicionamento enunciativo de avaliação ou comprometimento. O excerto de reportagem 02 comenta sobre o julgamento do ex-presidente do Brasil Lula e apresenta um trecho de discurso relatado em estilo direto introduzido por um verbo *dicendi* modalizador, marcado em itálico.

Excerto 02

A onipresença constitui aspectos de tirania e Lula, como todo político que coloca o ego acima da razão, flerta com essa condição cotidianamente. Nos últimos dias, tem insistido na falácia da inocência. Em recente arroubo, o petista *afirmou* que se condenado, “**não valeria mais a pena ser honesto no Brasil**”.

O locutor-repórter (L1) principia o excerto, apresentando características que julga como pertencentes a L2: a onipresença constitui aspectos de tirania e Lula, como todo político que coloca o ego acima da razão, flerta com essa condição cotidianamente; nesse trecho, é perceptível a ocorrência de vários pontos de vista explícitos por parte de L1 sobre um possível caráter tirânico e dissimulado de L2.

O locutor-repórter, em seguida, para ilustrar a afirmação de que Lula insiste falaciosamente em ser inocente ante a justiça, introduz, em estilo direto, uma fala do petista, que comenta que, se condenado, “**não valeria mais a pena ser honesto no Brasil**”. A fala de L2 aponta para a não culpabilidade e idoneidade do político, uma vez que ao dizer tal frase, Lula inclui-se no grupo dos honestos por pressuposição. L1, porém, não trouxe essa fala para dentro de seu discurso, porque concorda com ela, ao contrário, trouxe-a para demonstrar sua tese de que Lula é desonesto e finge-se falaciosamente de político honesto perseguido pela justiça e pela oposição.

É possível se chegar a tal conclusão, quando se observa que o uso da expressão modalizadora *em recente arroubo* e o verbo *dicendi* modalizador *afirmar*, expressa, por parte de L1, um posicionamento avaliativo a respeito do discurso de L2, classificando como um momento de êxtase (um recente arroubo) ou de equívoco a ocasião em que L2 declarou que não valeria ser honesto, caso fosse condenado. Também, o uso do *dicendi* epistêmico-asseverativo

afirmou, usado para introduzir o discurso de L2, tem valor modalizador, porque apresenta o discurso de Lula como algo certo, que tem caráter de verdade (afirmar = dizer + ter certeza), isto é, para L1, Lula insiste tanto em sua honestidade que a garante, indo a ponto de afirmá-la.

No excerto 02, podemos perceber como a análise semântico-argumentativa demonstra-nos ser possível realizar a identificação e desvelamento dos subjacentes posicionamentos enunciativos pertencentes ao sujeito responsável pelo discurso como um todo (L1), que ao introduzir, em seu discurso, vozes de outros sujeitos discursivos, posiciona-se sobre elas e realiza uma interpretação particular do dizer alheio. Vejamos agora, em outro trecho da mesma reportagem, semelhante caso de discurso relatado em estilo direto introduzido por termo ou expressão avaliativa.

Excerto 03

“Ontem, eu não quis falar porque tinha um assunto muito importante, que era ver o Corinthians derrotar o Palmeiras”. Lula, ex-presidente da República, *fazendo troça da sentença*.

No excerto 03, locutor-repórter (L1) introduz a voz de um segundo locutor, o ex-presidente Lula, por meio da expressão modalizadora *fazendo troça de* e pelo uso das aspas duplas: “Ontem, eu não quis falar porque tinha um assunto muito importante, que era ver o Corinthians derrotar o Palmeiras”. A expressão “fazer troça”, que insere o discurso de L2, é avaliativa, pois expressa um julgamento da parte de L1 sobre o comportamento e a declaração dada por Lula à justiça. Além disso, ela equivale semanticamente ao *dicendi* avaliativo *troçar* (zombar) de algo, neste caso, da sentença impingida pelo juiz Sérgio Moro.

Os efeitos de sentido gerados, na escolha do repórter, por essa expressão modalizadora avaliativa são de que o ex-presidente Lula não seja uma pessoa séria, que encare a justiça como algo que mereça alto respeito. Antes, Lula é caracterizado por L1 como um sujeito trocista e zombeteiro, tendo em vista que teria se negado prestar esclarecimento à justiça para ter tempo para assistir a uma partida de futebol de um time brasileiro.

4.2. Estilo Indireto

Já vimos que o sujeito discursivo responsável pelo texto da reportagem pode retomar na íntegra as vozes de outros sujeitos. Nos excertos a seguir, diferentemente, ele recupera tais vozes pelo uso do estilo indireto, parafraçando o dizer de um segundo ou de um terceiro locutor. Vejamos como isso ocorreu em algumas reportagens de nosso corpus. A fim de facilitar a compreensão, marcamos as falas em estilo indireto com a cor azul.

O trecho jornalístico a seguir, retirado de uma reportagem da *Veja*, intitulado “Temer encolheu”, contém relato em estilo indireto introduzido por expressão não modal. A reportagem em questão, publicada, em 28 de junho de 2017, discutia como as acusações de corrupção em relação ao então presidente Michel Temer vinham causando dificuldades ao seu mandato como chefe do Executivo do país.

Excerto 04

Nesse caso, Temer seria apontado como parte de uma quadrilha formada pelo ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha, preso em Curitiba, e pelo doleiro do PMDB Lúcio Funaro, preso em Brasília. *Os dois, Cunha e Funaro, venderam seu silêncio a Joesley, de acordo com* o próprio empresário.

No excerto 04, o locutor-repórter (L1) traz a informação de que o Presidente Michel Temer estaria sendo apontado como parte de uma quadrilha com Eduardo Cunha e Lúcio Funaro, indivíduos que foram presos pela justiça. Em seguida, L1 traz, em estilo indireto, o relato atribuído ao empresário Joesley Batista (L2): *os dois, Cunha e Funaro, venderam seu silêncio a Joesley*. Tal relato é introduzido expressão *de acordo com*, de caráter não modal, não exprimindo valor de avaliação por parte de L1 em relação a fala L2.

O uso da expressão não modalizadora *de acordo com*, por parte de L1, ocorre como um recurso em ordem a não comprometer ou não responsabilizar o locutor-repórter pelo conteúdo acusativo da denúncia informada na redação da reportagem, porquanto a afirmação do envolvimento do ex-deputado Eduardo Cunha e do doleiro Lúcio Funaro, em esquemas de corrupção, teria partido de L2 (o empresário Joesley Batista)e, não de L1.

No excerto a seguir, o locutor-repórter recupera a voz de outro sujeito, também, por meio de estilo indireto, porém a introduz, em seu discurso, pelo uso de um verbo ou termo que expressa posicionamento enunciativo avaliativo ou de comprometimento. Publicado, em 20 de outubro de 2017, o excerto de reportagem 05 comentava sobre o futuro político do senador brasileiro Aécio Neves, cujo envolvimento em esquemas de corrupção causaram-lhe desgaste em sua imagem pública e de seu partido, o PSDB, e por isso alguns dos membros estavam exigindo a saída temporária de Aécio.

Excerto 05

Tudo será diferente daqui em diante. A começar por sua situação dentro do próprio PSDB. O presidente interino do partido, senador Tasso Jereissati, *exige* que *Aécio deixe de forma definitiva a presidência*. E *defende* também *que ele se licencie do mandato, para evitar a sangria na imagem do PSDB*. Aécio pediu tempo para pensar.

L1, o locutor-repórter, escreve que haverá uma mudança dentro do PSDB: tudo será diferente daquele momento em diante, a começar por sua situação dentro do próprio PSDB. A seguir, introduz um segundo locutor (O presidente interino do partido, senador Tasso Jereissati), através de dois verbos *dicendi* modalizadores: *exige* que *Aécio deixe de forma definitiva a presidência* e *defende* *que ele se licencie do mandato, para evitar a sangria na imagem do PSDB*.

Os verbos utilizados para introduzir o relato de L2, senador Tasso Jereissati, são *dicendi* modalizadores, porquanto são indicativos de engajamento e subjetividade. O primeiro modalizador utilizado *exigir* exprime caráter argumentativo de obrigatoriedade ou exigência (cuja fórmula poderia ser descrita como X exige Y), portanto um deontico de obrigatoriedade. O *dicendi defender* é modalizador avaliativo porque, expressa característica subjetividade ou uma tomada de posicionamento em favor de algo ou alguém – a ponto de ir em defesa de tal ponto de vista

4.3. Estilo indireto sendo corroborado por estilo direto

Vimos que o locutor-repórter tanto pode relatar o dizer de um locutor alheio por recuperação integral da fala ou por paráfrase. Em alguns casos bem específicos, ele combinou essas duas estratégias argumentativas, no texto da reportagem, de modo que estilo direto corroborou o indireto.

Publicada pela *Veja* em julho de 2017, a reportagem que contém o excerto 06 trazia informações sobre denúncias de corrupção, referentes a um apartamento triplex em Guarujá, o qual teria sido cedido ao ex-presidente Lula por parte de empresas construtoras.

Excerto 06

Lula *negava ser o proprietário*, mas funcionários da empreiteira entrevistados *confirmaram que o apartamento pertencia mesmo à família*. “*Para entrar aí, só com autorização da cúpula da construtora. Só eles e o Lula tem a chave*”, *contou* o então zelador do prédio José Afonso Pinheiro.

Nesse excerto de reportagem, são utilizados três verbos *dicendi* para introduzir dizer alheio: *negar*, *confirmar* e *contar*. Os dois primeiros são modalizadores, porquanto caracterizam certo comprometimento do sujeito discursivo em relação às ações praticadas ou ao que foi dito nos enunciados, o primeiro, modalizador avaliativo e o segundo, modalizador epistêmico asseverativo; por sua vez o verbo *contar* não é modalizador, uma vez que apenas expressa a noção de relatar algo.

Esses verbos são utilizados, por L1, para introduzir, dentro de seu texto, as vozes de três diferentes sujeitos discursivos, os quais são L2, L3, L4. O locutor-repórter traz inicialmente a voz do réu L2, acusado pela justiça de ser o proprietário do imóvel, informação que L2 (Lula) nega. A seguir, L1 recorre à voz de L3 (os funcionários da empreiteira entrevistados), os quais confirmam a versão da posse positiva do apartamento por parte de Lula.

Temos, pois, um impasse no excerto em questão, uma vez que L1 traz a voz de Lula e contrapõe essa voz com L3, os funcionários da empreiteira. Linguisticamente este processo de contraposição está sinalizado no texto pelo uso do operador *argumentativo mas* e pela oposição antonímica entre as formas verbais utilizadas *negava* e *confirmaram*.

Diante do impasse de duas vozes conflitantes, L2: *negava ser o proprietário versus* L3: *confirmaram que o apartamento pertencia mesmo à família*, L1 introduz uma quarta voz, em estilo direto, para definitivamente solucionar a questão – o então zelador do prédio José Afonso Pinheiro: “*Para entrar aí, só com autorização da cúpula da construtora. Só eles e o Lula tem a chave*”. É interessante notar que, diferente dos dois primeiros trechos de fala, que foram introduzidos em estilo indiretos, este último trecho (L4) é relatado em estilo direto entre aspas, para acabar com o impasse.

Os efeitos de sentido gerados pela introdução de L4 são de comprovação e corroboração ao que havia sido dito textualmente por L3 em estilo indireto. Ao mesmo tempo, a introdução da voz de L4 dá direcionamento específico à redação do texto da reportagem e encaminha-a a determinadas conclusões discursivas que apontam para a posse positiva do apartamento por parte de Lula e, conseqüentemente, a seu envolvimento em esquemas de corrupção passiva.

Observe-se que a seleção e a inserção das vozes dos sujeitos envolvidos, direta ou indiretamente, com a questão retratada na reportagem funcionam como estratégias

argumentativas que se pretendem demonstrar como neutras ou imparciais. Isso ocorre, porquanto L1, ao se utilizar do dizer do outro, simula não opinar sobre o assunto, antes ele apenas estaria “dando voz” aos outros sujeitos, para que a questão seja pleiteada polifonicamente pelas vozes de diferentes sujeitos e, de diferentes ângulos. No entanto, como a análise semântico-argumentativa demonstra-nos, essa ideia pretensão à neutralidade não se sustenta, já que ao definir quais estratégias argumentativas serão utilizadas, selecionar quais vozes aparecerão no texto da reportagem e se posicionar enunciativamente em relação a essas vozes, o locutor repórter deixa demarcada sua subjetividade e acaba por dar direcionamento ao enunciado em razão de determinadas conclusões; como no caso do excerto em questão, que aponta para a culpabilidade de L2. Destarte, L1 apresenta L2, L3 e L4, rechaça Lula (L2) assimila os posicionamentos de L3 e L4.

4.4. Aspas de diferenciação

Outra estratégia semântico-argumentativa utilizada pela locutor-repórter para introduzir as vozes de outros sujeitos discursivos no texto jornalístico foi o uso das aspas funcionando como elemento de diferenciação ou de distanciamento discursivo. Em uma reportagem publicada pela *Veja* em 28 de junho de 2017 sobre investigações da Polícia Federal acerca de denúncias de corrupção atribuídas ao presidente Michel Temer, encontramos um caso de aspas de diferenciação, que marcamos com a coloração alaranjada para facilitar identificação.

Excerto 07

A Polícia Federal, encerrando uma etapa das investigações da delação, concluiu que **existem evidências “com vigor” mostrando que Temer praticou ato de corrupção.**

No excerto 07, L1 realiza uma combinação entre discurso relatado em estilo indireto e aspas como elemento de diferenciação. O locutor-repórter, recupera a voz do locutor institucional Polícia Federal: **existem evidências “com vigor” mostrando que Temer praticou ato de corrupção**, trecho esse que foi introduzido por meio do verbo dicendi não modalizador *concluir*, que indica o ato de fala de terminar um discurso ou chegar a uma conclusão: existem evidências de que Temer praticou atos de corrupção.

Observamos que o trecho atribuído a Polícia Federal está em estilo indireto e que a expressão entre aspas **“com vigor”** indica um distanciamento de L1 com relação ao discurso da Polícia Federal, isso ocorre porque L1 não deseja colocar-se como responsável pela denúncia de que o ex-presidente Michel Temer praticou corrupção **“com vigor”**.

Outro caso de aspas de diferenciação ocorreu em uma reportagem da *Istoé*, intitulada *A marolinha virou tsunami*, que punha em questão a idoneidade do ex-presidente Lula, o qual pretendia se candidatar à presidência do Brasil em 2018.

Excerto 08

Em entrevista ao programa Roda Viva, em 1988, *saiu-se com* essa: **“Eu não prometo ser um “paizão”, não, eu prometo ser um companheiro que vai agir com a honestidade maior que possa existir na face da Terra para permitir que a classe trabalhadora brasileira possa viver, possa morar, possa comer e possa trabalhar”**. Era, por assim dizer, o embrião retórico da **“alma mais honesta”**.

L1 introduz L2, Lula, por meio da expressão modalizadora *sair-se com*. Esta expressão indica que, para o locutor-repórter, Lula ao ser questionado no programa de entrevista Roda Viva, escapou, safou-se de uma pergunta inconveniente com uma resposta moderada: **Eu não prometo ser um “paizão”, não, eu prometo ser um companheiro que vai agir com a honestidade maior que possa existir na face da Terra para permitir que a classe trabalhadora brasileira possa viver, possa morar, possa comer e possa trabalhar**, trecho em estilo direto que é recuperado por L1.

Encontramos, em laranja, dois casos de aspas de diferenciação um dentro da fala de Lula e outro na fala do locutor-repórter. A primeira ocorrência das aspas é na palavra “paizão”, a qual está contida dentro de um trecho da fala de Lula. O uso de aspas nesse caso ocorre como meio de indicar distanciamento discursivo, já que Lula não se identificaria com tal ideia ou não quer ficar conhecido como o pai da nação brasileira (em posição elevada em relação aos demais), antes ele deseja ser um *companheiro* do povo, isto é, alguém no mesmo nível de todos os outros brasileiros.

A segunda ocorrência “alma mais honesta”, registrada no discurso de L1, demonstra ironia, porquanto ele não crê na honestidade de Lula. Podemos chegar a essa conclusão por analisar, mais a fundo o texto da reportagem. Em trecho antecedente ao excerto 08 na mesma reportagem, é possível observar clara tomada de posição por parte do jornalista ao qualificar L2 com os adjetivos picareta e corrompido: “O líder de massas, que mergulhou na política prometendo combater os picaretas, acabou tornando-se um deles, corrompido pela elite que sempre criticou” (*Istoé*, 17/07/2017: 25). Deste modo, o trecho em aspas de diferenciação “alma mais honesta” assume caráter irônico e demonstra distanciamento por parte do locutor-repórter, posto que ele rechaça o posicionamento de que Lula é honesto.

5. CONCLUSÕES

Com base nas análises realizadas nas reportagens políticas que compuseram o *corpus* desta investigação, constatamos que o locutor-repórter utilizou-se constantemente de vozes de outros sujeitos discursivos para construção da redação do texto jornalístico, notadamente mediante o uso do fenômeno semântico-argumentativo e enunciativo da polifonia de locutores. Interessantemente o locutor-repórter ativa a polifonia de locutores de diferentes modos e através de diferentes estratégias, sendo as principais como mostrada na seção de análises deste trabalho: o estilo direto, estilo indireto, estilo indireto corroborando estilo direto e as aspas de diferenciação de discurso.

Em todas os casos de ocorrência de polifonia de locutores, em nosso *corpus*, há um esquema básico subjacente em comum: um locutor externo (individual ou coletivo) - L2 – teve parte de sua fala recuperada e inserida pelo locutor-repórter (L1), no texto da reportagem, através de um verbo *dicendi*, palavras ou expressões introdutoras de relato ou citação, como conjunções e advérbios, ou pela pontuação gráfica, marcada pelas aspas duplas ou uso dos dois pontos.

Conjuntamente ao fenômeno semântico-enunciativo da polifonia, está o da modalização. Observou-se que ao introduzir o discurso de outrem, L1, em algumas ocorrências, apenas se limitou a apresentá-lo, já em outras, o locutor-repórter posicionou-se sobre as vozes introduzidas por ele. Essas últimas ocorrências realizaram-se através do uso de algum verbo

dicendi modalizador ou de alguma expressão modalizadora. Quando L1 modaliza o discurso alheio, ele atribui a esse discurso determinadas qualificações, que se encontram resumidas nos pontos a seguir:

- - Afirmação ou asseveração
 - Excerto 09: [...] o petista *afirmou* que se condenado, “não valeria mais a pena ser honesto no Brasil”.
 - Excerto 10: Ela continuava *certa de* que algo muito errado havia acontecido;
 - Negação
 - Excerto 11: Lula *negava* ser o proprietário, mas funcionários [...];
 - Ironização
 - Excerto 12: “Ontem, eu não quis falar porque tinha um assunto muito importante, que era ver o Corinthians derrotar o Palmeiras”. Lula, ex-presidente da República, *fazendo troça da* sentença;
 - Avaliação
 - Excerto 13: A responsabilidade de um presidente é enorme e, por conseguinte, também sua culpabilidade quando pratica crimes, *avaliou* o juiz;
 - Obrigação
 - Excerto 14: O presidente interino do partido, senador Tasso Jereissati, *exige* que Aécio deixe de forma definitiva a presidência; e
 - Engajamento
 - Excerto 15: E *defende* também que ele se licencie do mandato, para evitar a sangria na imagem do PSDB. Aécio pediu tempo para pensar.

Ao mesmo tempo que apresenta as vozes de L2, L1 age de diferentes maneiras: pode limitar-se apenas a apresentá-las ou pode posicionar-se subjetivamente sobre a informação apresentada (assimilando ou discordando do que foi dito). Observe-se os casos abaixo:

- Simples apresentação
 - Excerto 16: “Usualmente [...] quando o crime é revelado, o comportamento esperado do superior é a reprovação da conduta e a exigência de que o malfeito seja punido. Não se verificou essa espécie de comportamento por parte do ex-presidente”, *escreveu* [juiz Sérgio Moura];

- Assimilação

Excerto 17: Para Lula, mestre em transformar tudo numa narrativa destinada a engabelar a militância, a letra da lei só vale quando sua função é a de blindá-lo. [...] *Como diria Nelson Rodrigues*, do alto de sua fina ironia, “se os fatos estão contra mim, pior para os fatos”; e

- Distanciamento

Excerto 18: Em entrevista ao programa Roda Viva, em 1988, *saiu-se com* essa [...] Era, por assim dizer, o embrião retórico da “*alma mais honesta*”.

Sobre as estratégias utilizadas para introduzir o dizer alheio, verificamos a presença do *Estilo direto* em excertos em que o locutor queria dar destaque a alguma sentença pertinente ao assunto noticiado, especialmente, sentenças impactantes ou polêmicas ditas por políticos. Pudemos concluir que o estilo direto foi usado principalmente como meio de trazer na íntegra a voz de outro sujeito enunciativo. Ao relatar na própria materialidade da voz de outrem, o locutor-repórter passa implicitamente a ideia de confiabilidade, visto que o leitor pode, de certa forma, consultar as palavras originais ditas por políticos como Lula, Michel Temer, por exemplo, ou por qualquer outro indivíduo ao qual o repórter faça referência.

O *Estilo Indireto*, nos excertos do *corpus*, funcionou na maioria de casos como um resumo ou paráfrase de um dito original, notadamente quando o repórter intencionava trazer informações resumidamente, sem se deter demais a detalhes. O estilo indireto seria, então, uma estratégia para dinamizar o texto da reportagem, através dela o locutor-repórter seleciona na fala do outro o que lhe acha mais pertinente para ser informado, não que por meio do estilo direto também não se possam selecionar ideias relevantes, mas o estilo indireto traz uma plasticidade maior, é mais fácil de ser moldado do que a fala em sua materialidade textual. O estilo indireto permite ao repórter a possibilidade de ser condensado, recortado e parafraseado, talvez por isso seja usado com frequência para apresentações rápidas e resumidas dos fatos ou para introduzir uma temática que vai ser ampliada em seguida na redação da reportagem.

O *estilo indireto sendo corroborado por estilo direto* foi usado majoritariamente como recurso de credibilidade, ou para dar embasamento, fundamentar o que fora dito antes em estilo indireto. A integração entre os estilos direto e indireto funciona como mecanismo argumentativo para corroborar a informação apresentada, em azul (estilo indireto), além de, em alguns casos, esclarecê-la e detalhá-la. Novamente é notável a importância da materialidade da fala como fator de comprovação das afirmações feitas pelo repórter e da fidedignidade do texto parafraseado, principalmente em se tratando de assuntos polêmicos, a corroboração em estilo direto ao estilo indireto é bem-vinda e mostrou-se recorrente no texto jornalístico.

A quarta estratégia, as *aspas de diferenciação*, funcionou nos textos das reportagens, sobretudo, como elemento indicador de distanciamento enunciativo por parte do locutor-repórter, quando isso ocorreu, L1 não assimila o discurso dos outros locutores que introduz e, às vezes, até os ironiza. Observe-se, por exemplo, o excerto de reportagem 08, em que a ocorrência das aspas duplas “*alma mais honesta*”, referindo-se a Lula expressa ironia, já que o locutor-repórter apresenta algo que não quer ser verdadeiro.

Em conclusão, nota-se que a polifonia de locutores é um complexo fenômeno multifacetado, que tanto nossas como as de outros estudiosos da Semântica Argumentativa vêm comprovando que pode ser ativado através de diferentes estratégias semântico-argumentativas.

Sobre o funcionamento semântico do gênero reportagem, que é o tema deste trabalho, percebemos que o locutor-repórter coleta e insere as vozes de diferentes sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com a questão retratada, a fim de demonstrar uma pretensa ideia de “neutralidade”, que é comum aos gêneros que fazem parte do domínio jornalístico, em qual se prioriza a noção de “escrita impessoal” em terceira pessoa e apresentação ampla e imparcial dos fatos. Contudo, ao mesmo tempo que traz informações sobre o acontecimento de diferentes ângulos, o locutor-repórter, ao fazer uso e seleção de quais vozes e de quais sujeitos aparecerão no texto das reportagens, acaba por dar direcionamento ao texto da reportagem, porquanto assume determinados posicionamentos em relação a essas vozes, certas vezes defendendo-as ou em outras discordando delas, conforme demonstrado em nossas análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Authier-Revuz, Jacqueline, 1998. *Palavras incertas*, Campinas, UNICAMP.
- Bakhtin, Mikhail, 2002. *Marxismo e filosofia da linguagem*, São Paulo, Hucitec: 261-269.
- Castilho, Ataliba e Célia Castilho, 1993. Advérbios modalizadores, in Rodolfo Ilari, *Gramática do Português Falado*, 2ª Ed., Vol. II, Níveis de Análise Lingüística, Campinas, UNICAMP: 213-261.
- Cervoni, Jean. 1989. *A enunciação*, São Paulo, Ática.
- Costa, Ana Clara e Robson Bonin, 8 de novembro de 2017. Os extremos que se espantam, in *Veja*, nº 2555: 40-45.
- Costa, Octávio, 8 de novembro de 2017. Começou (cedo) a enganação eleitoral, in *Istoé*, nº 2499: 36-41.
- Costa, Octávio e Tábata Viapiana, 20 de outubro de 2017. Qual o futuro de Aécio?, in *Istoé*, nº 2497: 42-45.
- Ducrot, Oswald, 1988. *Polifonia y argumentación*, Cali, Editora da Universidade del Valle.
- Espindola, Lucienne e Joseli Silva, 2004. *Argumentação e linguagem*, João Pessoa, EDUFPPB.
- Júnior, Policarpo; Rodrigo Rangel, Daniel Pereira, Robson Bonin e Thiago Bronzatto, 19 de julho de 2017. Condenado, in *Veja*, nº 2539: 40-47.
- Koch, Ingedore, 2001. *A inter-ação pela linguagem*, São Paulo, Contexto.
- Koch, Ingedore, 2010. *Argumentação e Linguagem*, São Paulo, Cortez.
- Melo, José, 2003. *A opinião no jornalismo brasileiro*, 3ª Ed. rev, Campos do Jordão, Mantiqueira.
- Moyano, Sara, 2007. *El discurso narrativizado y las nominalizaciones citativas*, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Tesis de maestria en Lingüística, Editorial de la Universidad de La Plata.
- Nascimento, Erivaldo, 2005. *Jogando com as vozes do outro*, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Tese de Doutorado em Letras.
- Nascimento, Erivaldo, 2009. *Jogando com as vozes do outro*, João Pessoa, EDUFPPB.
- Nascimento, Erivaldo, 2015. A polifonia nos gêneros acadêmicos e formulaicos, in *Letras de Hoje*, v. 50, nº 3: 342-351.
- Nascimento, Erivaldo e Joseli Silva, 2012. O Fenômeno da Modalização, in Erivaldo Nascimento, *A Argumentação na Redação Comercial e Oficial*, João Pessoa, EDUFPPB: 63-99.
- Pardollas, Sérgio e Germano Oliveira, 14 de julho de 2017. A marolinha virou um tsunami, in *Istoé*, nº 2483: 24-32.
- Pereira, Daniel; Laryssa Borges e Marcela Matos, 25 de outubro de 2017. Hora do acordão, in *Veja*, nº 2553: 40-47.
- Prodanov, Cleber e Ernani Freitas, 2013. *Metodologia do trabalho científico*, Novo Hamburgo, Editora da Feevale.
- Rangel, Rodrigo e Laryssa Borges, 06 de julho de 2017. Intrigas e suspeitas, in *Veja*, nº 2537: 39-45.
- Silva, Marcos, 2012. Argumentação e Polifonia na Língua, in Erivaldo Nascimento, *A Argumentação na Redação Comercial e Oficial*, João Pessoa, EDUFPPB: 29-60.